

DOI: <http://dx.doi.org/10.18817/ot.v17i29.756>*SEDUÇÃO E SEXUALIDADE EM PORTUGAL*: tempos e modos<sup>1</sup>*SEDUCTION AND SEXUALITY IN PORTUGAL*: times and manners*SEDUCCIÓN Y SEXUALIDAD EN PORTUGAL*: tiempos y modos

JOSÉ MACHADO PAIS

Doutor em sociologia. Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa,

Av. Professor Aníbal de Bettencourt 9, 1600-189

Lisboa, Portugal

[machado.pais@gmail.com](mailto:machado.pais@gmail.com)

**Resumo:** O que neste artigo se propõe é uma reflexão sobre a sedução e a sexualidade em Portugal tendo em vista o questionamento de persistências e mudanças sociais segundo dois eixos analíticos: os tempos e os modos. Para o efeito, tomando-se um arco temporal de longa duração, serão considerados três períodos de análise: o período centrado no século XIX, tempos do romantismo no qual serão analisados os galanteios nos meios burgueses; o período do regime autoritário (1926-1974), tempos em que a sexualidade aparece subordinada a uma ordem discursiva e ideológica repressiva; finalmente, o período que despontou com a contestação ao regime autoritário e que deu lugar à Revolução dos Cravos de 1974, tempos de liberdade política que se entrecruzam com os de liberdade sexual. As distintas colorações do tempo permitem-nos analisar diferentes modos de vivência da sedução e da sexualidade, à luz de clivagens sociais, de género e geracionais.

**Palavras-chave:** Género. Gerações. Valores Sociais.

**Abstract:** What is proposed in this article is a reflection on seduction and sexuality in Portugal aiming to question persistence and social change taking into account two analytical axes: times and manners. For this purpose, considering a long-term temporal perspective, three periods of analysis will be considered: the period centred on the nineteenth century, times of romanticism in which the seduction in the bourgeois milieu will be analysed; the period of an authoritarian regime (1926-1974), when sexuality appears subordinated to a repressive ideological and discursive order; finally, the period that arose with the contestation of the authoritarian regime and that gave rise to the Carnation Revolution of 1974, times of political freedom that intersect with those of sexual freedom. The different colours of time allow us to analyse different ways of experiencing seduction and sexuality, in the light of social, gender and generational cleavages.

**Keywords:** Gender. Generations. Social Values.

**Resumen:** Lo que se propone en este artículo es una reflexión sobre la seducción y la sexualidad en Portugal con el objetivo de cuestionar la persistencia y el cambio social de acuerdo con dos ejes analíticos: tiempos y modos. Para este propósito, tomando un arco temporal de larga amplitud, se considerarán tres períodos de análisis: el período centrado en el siglo XIX, los tiempos del romanticismo en el que se analizará la galantería en el entorno burgués; el período del régimen autoritario (1926-1974), tiempos donde la sexualidad aparece subordinada a un orden ideológico y discursivo represivo; finalmente, el período que surgió con la contestación al régimen autoritario y que dio lugar a la Revolución de los Claveles de 1974, tiempos de libertad política que se cruzan con los de la libertad sexual. Los diferentes colores del tiempo nos permiten analizar diferentes modos de experimentar la seducción y la sexualidad, a la luz de clivajes sociales, de género y generacionales.

**Palabras claves:** Género. Generaciones. Valores Sociales.

<sup>1</sup> Artigo submetido à avaliação em junho de 2019 e aprovado para publicação em dezembro de 2019.

## Introdução

Tomando-se um arco temporal de longa duração, analisaremos, em primeiro lugar, os rituais de galanteria nos meios burgueses do século XIX em Portugal, dando particular relevância aos códigos de comunicação desses rituais cujos cenários de atuação, antes da conquista do espaço público pela mulher, se centralizavam em ambientes freiráticos, tendo frequentemente a Igreja como palco. Atravessando os “loucos anos 20” do século passado, desembocaremos nos prolongados tempos do regime autoritário (1926-1974)<sup>2</sup>, período em que a sexualidade aparece subordinada a uma ordem discursiva e ideológica severamente repressiva, todavia abalada pelos movimentos juvenis nas vagas da corrente de *Maió de 68*<sup>3</sup>. Finalmente, com a Revolução dos Cravos de 1974 os tempos de libertação política entrecruzam-se com uma ânsia de liberdade em todas as dimensões da vida, incluindo a sexual. É um período marcado pela afirmação das subjetividades, movida por uma crescente capacidade de desejar. As distintas colorações do tempo permitem-nos analisar diferentes modos de vivência da sedução e da sexualidade, ensejo para questionar mudanças e valores sociais à luz de discontinuidades sociais, de género e geracionais.

A pesquisa sociológica de incidência histórica que cobre o período do século XIX a inícios do século XX baseou-se em fontes documentais, em grande parte literárias, incluindo manuais de civilidade. Não havendo outra alternativa para o período histórico em análise, há que reconhecer que as informações extraídas deste tipo de fontes podem não acertar maquinalmente o passo com a realidade. No entanto, as fontes literárias ajudam a objetivá-la, através de múltiplas (re)construções ambientais. Para o período mais recente, correspondendo sobretudo às últimas quatro décadas, já foi possível contemplar dados de sondagens, análise de conteúdo a “correio sentimental” de revistas femininas e representações sociais emanadas de entrevistas e grupos de discussão envolvendo jovens e, separadamente, os respectivos pais.

Da mesma forma que as artes de sedução fazem lembrar a resolução de um problema de álgebra cuja solução está contida no enunciado, também a decifração da incógnita que a sedução representa passou por encontrar o caminho lógico mais elegante e

---

<sup>2</sup> O regime autoritário considerado abarca a ditadura militar (1926-1933) e o Estado Novo (1933-1974). Neste regime autoritário, António Oliveira Salazar teve um enorme protagonismo. Primeiramente como Ministro das Finanças, durante a ditadura militar; posteriormente, no Estado Novo, como presidente do Governo, cargo que desempenhou entre 1933 e 1968, data do seu falecimento, tendo sido substituído por Marcelo Caetano.

<sup>3</sup> ZANCARINI-FOURNEL, Michelle. *Le Moment 68: une histoire contestée*. Paris: Seuil, 2008.

fidedigno para se chegar até ela. A opção metodológica que se tomou foi a de conjugar nessa equação os modos e os tempos de sedução, bem como as vivências da sexualidade. No questionamento das persistências e mudanças desses modos, as distinções sociais, de gênero e geração foram tomadas como fatores intrínsecos de um dinamismo histórico incorporando distintas temporalidades.

### **Palcos de sedução no romantismo: rituais de galanteio**

Até meados do século XIX, o espaço público das cidades encontrava-se segregado segundo o gênero de quem o frequentava. O estatuto de homem público era atribuído a quem gozava de prestígio social, reconhecimento público. Em contrapartida, mulher pública era a designação outorgada à prostituta, precisamente porque circulava num espaço de domínio masculino, transgressão carregada de suspeição. À mulher virtuosa estava consagrado o espaço doméstico. Era em casa que devia ficar, quanto muito tinha permissão para tomar chá em casa de amigas ou frequentar cultos religiosos. Por isso, as igrejas eram palco dos mais ardilosos galanteios. Os tratados de namoro regulavam os códigos de comunicação não verbal no adro da igreja e durante a missa.

Ele - Para dizer: *Como é tão formosa!*: coloca a mão direita sobre o coração, erguendo os olhos para o teto.

Ela - *Não lhe posso falar*: deixa cair o missal.

Ele - *Serei muito feliz se for correspondido*: aperta as mãos uma na outra, erguendo-as à altura do peito.

Ela - *Escreva-me*: abre o missal folheando-o devagar.

Ele - *Tenho aqui uma carta para si*: desabotoa o casaco com a mão direita e logo o fecha com a esquerda.

Ela - *A mamã anda desconfiada, é preciso cautela*: coça o nariz com o missal fechado.

Ele - *Seu pai sabe alguma coisa?*: Coça atrás da orelha.

Ela - *Gosto muito de si*: aperta o missal fechado entre as mãos.

Ele - *À noite passo por sob a sua janela*: levanta o pescoço e coça o queixo.

Ela - *Apareça-me que eu estou à janela*: folheia o livro depressa<sup>4</sup>.

Os conventos eram conhecidos por suas voluptuosas grades de doces. A clausura por desgostos de amor não apagava a chama do amor. Basta lembrar as pitorescas grades de doce dos conventos oitocentistas oferecidas pelas freiras aos seus pretendentes, ávidos de guloseimas. Não por acaso a doçaria portuguesa tem, ainda hoje, uma forte tradição conventual de que são exemplo iguarias como: barrigas de freira, bolos de amor, pecados de

<sup>4</sup> Adaptação do *Almanaque das Travessuras de Cupido*. In: PAIS, José Machado. *Artes de amar da burguesia*. 2. ed. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2007. p. 36-37.

abade, beijinhos de frade, papos de anjo, suspiros de Santa Catarina, toucinho do céu ou maminhas de noviças.<sup>5</sup>

É neste contexto que surge o famoso ritual do beliscão. Era normalmente dado junto à pia da água benta, sem se esquecer o estratégico preceito que mandava olhar para o lado da Epístola enquanto se beliscava para o do Evangelho. A operação requeria uma certa habilidade porque, como os arcos de ferro dos vestidos defendiam a mulher da cintura para baixo, para se dar um beliscão do “sétimo céu”, que era o da anca, tinha de se aprender a solapar a mão por debaixo dos guarda-pés até levantar, ao de leve, toda a armação de arame. Vários beliscadores apanhados com a mão no “céu” foram degredados para o Brasil por devassidão. Mais despercebido era o “beliscão do peito”, pois o atrevido enquanto se benzia com a mão direita, avançava sorrateiramente com a esquerda em direção ao peito da dama. Enquanto no altar o padre clamava “*Gloria Tibi, Domine!*”, gritinhos soltos – “ai!, ai!” – profanavam o silêncio da igreja.<sup>6</sup> As procissões também atraíam múltiplas devoções. Abundavam piscadelas de olho, mordeduras de beijo, cortesias de aba beijada... Beijava-se a aba do chapéu na impossibilidade de beijar a cortejada. Os mais afoitos e obcecados pela arte do beliscão não perdiam a oportunidade proporcionada pelos ajuntamentos. Alguns galgavam a fronteira do país para distribuírem beliscões por moças espanholas em procissões ou igrejas. Em Madrid, Salamanca ou Sevilha, se alguma espanhola sentia um beliscão ferroar-lhe a anca ou morder-lhe a polpa de um braço, logo suspeitava que por ali rondava português.

Em meados do século XIX as modas parisienses invadem Lisboa e as senhoras burguesas não querem perder a oportunidade de estar ao corrente das novidades importadas. O Chiado (centro da Lisboa histórica) e, mais tarde, o Passeio Público constituíam o centro das atenções. É a conquista do espaço público pela mulher burguesa. O gosto de exibição em público nos jardins, nos teatros e nos passeios públicos leva a mulher a dotar a sua presença de signos falantes.<sup>7</sup> As próprias “fitinhas” e “laços”, usados na parte de trás das cinturas das damas, eram batizados com apodos significativos como: “Siga-me senhor”, “Dê-me aqui um beliscão!” ou “Casa-me papá!”<sup>8</sup>.

Quando a mulher burguesa começa a circular pelo espaço público da cidade, até aí território das mulheres verdadeiramente públicas (as prostitutas), os circunspectos esposos das respeitáveis burguesas sentem uma incómoda ameaça. E se as suas mulheres fossem

<sup>5</sup> CONSIGLIERI, Carlos; ABEL, Marília. *A tradição conventual na doçaria de Lisboa*. Sintra: Colares Editora, 1999.

<sup>6</sup> DANTAS, Júlio. *O amor em Portugal no Século XVIII*. Porto: Editora Livraria Chardron, 1917. p.52-53.

<sup>7</sup> Tópico desenvolvido por BERTHELOT, Jean-Michel. Corps et société: problèmes méthodologiques poses par une approche sociologique du corps. *Cahiers Internationaux de Sociologie*, v. 74, p. 119-131, 1983.

<sup>8</sup> NORONHA, José Eduardo Alves. *Elas na intimidade*. Lisboa: [s.n.], 1926. p. 34.

confundidas com as outras, as prostitutas? É então que, a meados do século XIX, os legisladores passam à ação, congeminando medidas para impor ordem no caos público, isto é, para que as suas respeitáveis mulheres não se confundissem com as prostitutas. E o que fazem? Regulamentar a prostituição. As mulheres públicas deveriam ser guetizadas, nas *margens* do tecido urbano; quanto muito poderiam ser toleradas, em casas para o efeito assim mesmo designadas, para que as respeitáveis burguesas pudessem circular sem se confundirem com as outras<sup>9</sup>.

Para além das burguesas, outras mulheres percorriam o espaço urbano. Com efeito, na segunda metade do século XIX intensificaram-se os fluxos migratórios para a cidade e subúrbios. Operárias, criadas de servir (sopeiras) e costureiras, buscando melhores condições de vida, sonhavam que alguém as pudesse levar ao altar. Nas vilas operárias, os namoricos ocorriam em contexto local ou nas próprias fábricas. Era aí que as moças começavam a andar debaixo de olho. As sopeiras caíam frequentemente no engodo de militares e polícias, deixando-se levar pelos seus farfalhudos bigodes. Elas não eram apenas aliciadas por sedutores fardados. Em casas burguesas e aristocráticas, a iniciação sexual dos rapazes era frequentemente consumada com jovens criadas. Um sagaz poeta observava: "Toda em vergonha se abrasa/ Gentil criada do meio/ Quando o menino da casa/ Com beijocas a atenaza/ Ou lhe deita as mãos ao seio"<sup>10</sup>. Quanto às costureiras, os magros proventos da agulha levavam algumas a comprar com o corpo o que não lhes rendia a agulha. Trocavam a máquina de costura pela melancolia do bordel. Muito solicitadas e seduzidas por falsas promessas, sopeiras e costureiras acabavam por ser atraídas para encontros clandestinos. No seu encaço seguiam catitas de barba à guise, operários janotas com promessas e copinhos, velhotes endinheirados e homens casados. Criadas de servir e costureiras eram as categorias profissionais que mais sobressaiam nos arrolamentos de prostitutas matriculadas no concelho de Lisboa na segunda metade do século XIX.

Para finais do século XIX emerge um novo padrão de encontros amorosos protagonizado pelas amantes com casa posta. Correspondendo a um ideal pequeno-burguês, amantes e protegidas acabavam por idealmente se inscrever num modelo conjugal materializado ora numa união paralela, no caso dos casados; ora numa união substitutiva, no caso dos solteiros. A título de exemplo, tome-se o enamoramento de Artur por Conchita, relatado por Eça de Queirós em *A Capital*. Chegado Artur a Lisboa, o seu amigo Melchior

---

<sup>9</sup> PAIS, José Machado. *A prostituição e a Lisboa boémia do séc. XIX aos inícios do séc. XX*. 3. ed. Lisboa; Berlin: Edições Machado, GD Publishing Ltd. & Co KG, 2016 [1985]. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/24068>. Acesso em: 24 de setembro de 2019.

<sup>10</sup> PINTO, Alfredo de Moraes. *Noites de inverno*. Lisboa: [s.n.], 1900. p. 45.

arrastou-o, uma noite, para a pândega. Numa caleche, já em companhia de duas fogosas Andaluzas, uma delas, Conchita, aconchegou suavemente a mão de Artur. Arturzinho ficou imediatamente apaixonado pela espanhola, perante tão subtil sinal de amor. Mais ainda quando Conchita lhe falou das agruras da vida que a levaram por tão desafortunados caminhos. *Muy desgraciada!* E logo Artur meteu na cabeça que haveria de a regenerar. Dar-lhe-ia uma casita, um amor poético e moço, toaletes e consideração de esposa... Apesar dos enganos e frustrações, como aconteceu com Arturzinho, emergia uma nova sensibilidade onde os favores sexuais, embora pagos, se traduziam em simulacros de sedução, sentimento e afeição.

Com a viragem para o século XX, as burguesas começaram também a reivindicar direitos a que só os homens tinham acesso: praticar desporto, passear de bicicleta, usar calças e até fumar. O corpo desnuda-se. Com a moda dos banhos de mar, as pernas nuas aparecem pela primeira vez nas praias. Travavam-se lutas de elegância entre as banhistas. Se alguma prometida recusava uma ida à praia logo o namorado suspeitava que a vergonha da amada era determinada pelo receio de exhibir "ancas estéreis". A loucura dos banhos associava-se a incessantes campanhas por uma vida mais livre, em contato com a natureza – campanha que algumas feministas se encarregavam de fomentar, circulando em suas populares bicicletas, por entre assobios e comentários apreciativos e depreciativos, provindos das hostes masculinas.

A passagem do namoro à janela para o namoro no cinema correspondeu a uma significativa mudança de mentalidades. De facto, a janela cumpria uma função medianeira nos rituais de namoro. O *namoro de estaca*, como também era conhecido, era tolerado por algumas mães mais liberais e melhor acolhido pela vizinhança, matronas desejosas de não perder pitada do namoro da filha da vizinha. O certo é que os amantes viam de tal forma violado o seu espaço de intimidade que alguns, mais astutos, acabaram por descobrir maneira de burlar a bisbilhotice da vizinhança, ora mediante bilhetinhos amorosos que se baixavam e erguiam por um cordel que se desprendia da janela; ora através da construção artesanal de tubos usados de acordo com princípios básicos da acústica, semelhantes aos que dariam lugar à oralidade por fios, possibilitando, mais tarde, o namoro por telefone. Até que chegou o cinema, trazendo finalmente aos namorados uma proximidade discreta. Na escuridão das salas de cinema, os contatos eram fortuitos, mas afortunados, mãos trémulas por anseios de apalpações. A imagem da mulher livrara-se de cintas e corpetes. O cabelo curto *à la garçonne*, o pescoço à descoberta, os trajes ligeiros, os sapatos cómodos, simbolizavam toda uma mudança de mentalidade em relação à mulher burguesa tradicional. As danças

garatujadas de inícios do século XX (fox-trot, one-step, tango, shimmy, etc.) adaptavam-se a toaletes arrojadas, incandescentes. Era a loucura dos anos 20 que haveriam de anteceder longas décadas de repressão sexual.

### **A sexualidade vigiada: tempos de autoritarismo**

Entre 1926 a 1974 Portugal viveu sob a égide de um regime autoritário que impunha uma forte moral de contenção sobre a sexualidade. A tradição opunha-se à modernidade. Salazar, o carismático líder do governo, batia-se contra todos os estrangeirismos que perturbassem a cultura de “bons costumes”. Nem a Coca-Cola escapou quando tentou penetrar no mercado português. Apesar da publicidade tentadora de Fernando Pessoa – “primeiro estranha-se, depois entranha-se” – Salazar, em carta dirigida ao responsável da multinacional na Europa, prevenia: “Sempre me opus à sua aparição no mercado português [...]. Portugal é um país conservador, paternalista e – Deus seja louvado – ‘atrasado’, termo que eu considero mais lisonjeiro do que pejorativo”<sup>11</sup>.

A família era um dos mais importantes baluartes de doutrinação ideológica do regime. No domínio da sexualidade sobressaía a função sexual reprodutora da mulher de quem se esperava que fosse uma esposa carinhosa e submissa, para além de mãe sacrificada e virtuosa. Os gestos do quotidiano estavam permanentemente sujeitos a um escrutínio moral. O comissário da Mocidade Portuguesa – uma organização de características protofascistas – defendia que as moças deveriam afastar-se de práticas desportivas como a natação, o ténis, os desportos náuticos e outros jogos que pudessem provocar uma “influência desmoralizadora das virtudes que queremos nas nossas mulheres”.<sup>12</sup> Os bailes eram desaconselhados por, supostamente, conduzirem as jovens à esterilidade e perverterem o instinto de maternidade, para além de outros efeitos colaterais indesejáveis como “insónias”, “delíquios”, “perturbações circulatórias”, “fenómenos de autointoxicação”, “neuroses espasmódicas” ou “anomalias de memória e linguagem”<sup>13</sup>.

Manifestações de afeto amoroso em espaços públicos – como beijos ou mãos entrelaçadas – eram alvo de repressão policial por atentarem contra os “bons costumes”. Nos anos 50, a Prefeitura de Lisboa lançou severas coimas para evitar atentados contra a moral pública, praticados em zonas de “frondosa vegetação urbana” da capital, como o parque

<sup>11</sup> MÓNICA, Maria Filomena. A evolução dos costumes em Portugal, 1960-1995. In: BARRETO, António (org.). *A situação social em Portugal, 1960-1995*. Lisboa: Edição do Instituto de Ciências Sociais, 1996. p. 221.

<sup>12</sup> PIMENTEL, Irene. *Mocidade portuguesa e feminina*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2008. p. 158.

<sup>13</sup> MOLHO DE FARIA, A. G. *Os bailes e a acção aatólica*. Braga: [s.n.], 1938. p. 106.

florestal do Monsanto. As multas subiam sucessivamente, numa escala de delitos moralmente avaliados: “mão na mão; “mão naquilo [órgão sexual feminino]”; “aquilo [pénis] na mão”; “aquilo naquilo” (penetração vaginal); “aquilo atrás daquilo” [penetração anal] e “com a língua naquilo [sexo oral]”, o mais penalizado de todos os atentados ao pudor.<sup>14</sup> No entanto, a moral sexual aceitava e promovia distintas socializações tendo em conta o género e a condição social dos implicados. Assim, os rapazes eram incentivados à experimentação sexual, enquanto que as moças eram doutrinadas à preservação da virgindade. Entre as classes elevadas, a iniciação sexual dos rapazes era frequentemente levada a cabo com criadas de servir. Elas faziam as camas mas também nelas se deitavam com os filhos dos patrões, por gosto ou temor de despedimento<sup>15</sup>.

Em meios operários a iniciação sexual dos rapazes era mais frequente com prostitutas. Aliás, as crianças eram socializadas para uma inserção precoce no mundo adulto, combinando lazeres de meninice e de homem. Quando com sete ou oito anos começavam a trabalhar, com as poucas moedas que recebiam rumavam ao circo, aos cavalinhos da feira e às mulheres das barracas de tiro ao alvo que vendiam refrescos e beijos. Costumavam juntar-se em tascas sórdidas, “iam para ali fingir de homens: beber, jogar e discutir futebol, entre fumaças e palavrões.<sup>16</sup> Havia uma socialização por antecipação, uma transição socialmente mobilizada para os valores da masculinidade. Ao contrário dos rapazes, as moças tinham grande dificuldade em separar os domínios da sexualidade e do matrimónio. Os namoricos ocorriam em contexto local, como nas fábricas. Era aí que as moças começavam a andar debaixo de olho dos rapazes. Depois, nos bailaricos de fim de semana, andavam também debaixo de olho das mães ou tias que as acompanhavam e vigiavam.

Em meios rurais os namoricos sobrevinham em contextos de vivência quotidiana: nas festas e arraiais, nos adros da igreja, nos fontanários de aldeia e nos tempos de trabalho. Por exemplo, após as colheitas, os aldeãos reuniam-se, pela noite, em torno de uma fogueira, mas o lugar de destaque cabia às moças casadoiras as quais, fiando o linho com as suas mães, eram seduzidas com piropos e desafiadas pelos rapazes para cantilenas e bailaricos, deixando de lado o fiadeiro. Os fiadeiros públicos viriam a ser proibidos por se fazerem à noite com ajuntamentos de homens e mulheres.

---

<sup>14</sup> Portaria nº 69035 de 9 de Janeiro 1953 da Câmara Municipal de Lisboa. Ver FREIRE, Isabel. *Amor e sexo no tempo de Salazar*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2010. p. 125-126.

<sup>15</sup> *Ibid.*, p. 147-164. Ver, também, BRASÃO, Inês. *O tempo das criadas: a condição servil em Portugal (1940-1970)*. Lisboa: Tinta da China, 2012.

<sup>16</sup> GOMES, Soeiro Pereira. *Esteiros*. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1971. p. 148.

O ambiente de festa não anulava as desigualdades de género. Assim, no nordeste de Portugal, a festa dos rapazes persistiu como um rito de iniciação à virilidade masculina. Tomando lugar no ciclo natalício e no período de Carnaval, o rito era também conhecido por festa dos *rapazes* ou dos *chocalheiros*, pois os rapazes andavam mascarados com caretas de latão ou madeira, portando chocalhos à cintura. As moças eram o alvo das loucuras dos caretos. Elas eram perseguidas em correrias desordenadas e, quando agarradas eram chocalhadas, em simulações de um ato sexual. A identidade masculina era celebrada de forma festiva, transgressora e orgiástica. Era neste reino de sociabilidades que se ia construindo a identidade masculina, feita numa trama de cumplicidades que, mais tarde, se prolongavam nas tabernas, nos cafés ou nos bordéis. Aliás, a festa dos rapazes era uma oportunidade para que, afastando-se das saias das mães, se iniciassem em vícios de homem.

Um dos momentos altos das festas dos rapazes era constituído pelas *loas*, repletas de ditos picantes e satíricos que exploravam inquietações sociais. As *loas* fabricavam casamentos improváveis, baralhando hierarquias sociais, ricos a casarem com pobres, num ritual de inversão de status. Era uma paródia anarquizante da ordem que se reforçava na justa medida em que a anarquia era só a brincar. As *loas* tinham por objetivo dar solução a um problema, o do casamento, envolvendo disputas familiares na base de interesses e conflitos económicos. Quem casa com quem? Quem está à altura do pretendente? Quem merece uma moça prendada? Quando os jovens chegavam à idade namoradeira, o senso comum aconselhava-os: “se queres bem casar teu igual vai procurar”. Aliás, os pais dos jovens também eram admoestados pela sabedoria popular: “casa teu filho com teu igual e de ti não dirão mal”. Os namoros apareciam inscritos em engrenagens de reprodução endoclassista que condicionavam a mobilidade social.

As normas da endogamia não apenas limitavam a autonomia individual como serviam para regular e salvaguardar a gestão patrimonial nos seus fluxos geracionais, por efeito das heranças. À luz desta lógica, o matrimónio perfeito era aquele em que as fortunas patrimoniais dos noivos potenciais se encontravam numa relação de equilíbrio, como fundamento de uma negociação equitativa. As estratégias de reprodução social apareciam protegidas pela instituição do matrimónio. A salvaguarda do património era assegurada colocando em lugares distintos os filhos bastardos e os legítimos. De um lado teríamos as mulheres apropriadas para casar e para ter filhos legítimos, dados os seus dotes patrimoniais; de outro lado aquelas outras com as quais se poderiam ter encontros ocasionais, os chamados deslizes ou arranjinhos, e dos quais resultavam frequentemente filhos ilegítimos, também conhecidos por zorros. Quem eram essas outras? As que ficavam arredadas do matrimónio

por estarem apartadas do património: jornaleiras, cabaneiras, domésticas, criadas de servir, ciganas, pastoras, carvoeiras, taberneiras, costureiras e tecedeiras – ocupações sobrerrepresentadas no conjunto das mães com filhos ilegítimos<sup>17</sup>.

### **A Revolução dos Cravos: tempos de liberdade**

Com a revolução dos Cravos, em Abril de 1974, deu-se uma clara liberalização dos costumes. Com cenas consideradas ousadas, a emissão da telenovela brasileira *Gabriela, Cravo e Canela*, baseada no romance de Jorge Amado, quase paralisou o país, chegando a suspender sessões do Parlamento. Na taberna de uma aldeia do norte de Portugal não me foge da memória a reação de um velhote, sorridente e cuspidando para o chão, a tecer críticas ao beijo boca-a-boca de uma cena da telenovela. Poucos dias depois, no mesmo café, ufanava-se de em casa ter ensaiado o experimento, ainda que para tanto tivesse de vencer a resistência de sua mulher. Uma nova sensibilidade erótica começou a despontar. As telenovelas brasileiras levavam tentações a aldeias que viviam uma sexualidade recatada, como se um vendaval abanasse os apudorados costumes tradicionais.

À medida que a tradição perde o seu império, a vida cotidiana abre-se a uma diversidade de opções e experimentações. Em 1994, quando Lisboa foi capital europeia da Cultura, uma sondagem às Práticas Culturais dos Lisboetas evidenciou a existência de correntes socioculturais abertas a processos de personalização e autonomia individual. Porém, as diferenças de género persistiam. Os mecanismos de atração diferenciavam-se quando se questionaram os atributos de uma “mulher interessante” ou de um “homem interessante”. No primeiro caso sobressaíram a “expressão do olhar ou da boca”, os “cabelos ou penteados”, a “maneira de vestir”, o “saber cozinhar bem”, a “meiguice” e a “capacidade de seduzir”. Em contrapartida, as características mais valorizadas nos homens foram a “inteligência”, o “dom da palavra”, o “espírito de humor”, a “segurança em si mesmo”, o “gosto pela cultura”, as “posses económicas” e o “charme”<sup>18</sup>. Ou seja, os tipos ideais de homem e mulher não abalaram a representação tradicional que coloca o homem culto e poderoso frente à mulher bela e expressiva. No entanto, com o fim do regime autoritário, a mulher portuguesa alcançou conquistas muito significativas, quer no acesso à educação e ao emprego, quer no que respeita à sua autonomia financeira. Também no plano das conquistas a mulher passou a assumir um

---

<sup>17</sup> GODINHO Paula. A bastardia como mecanismo estratégico no Alto Trás-os-Monte Rural. *Ethnologia*, v. 1, n. 2, p. 52, 1995.

<sup>18</sup> PAIS, José Machado. *Inquérito às práticas culturais dos habitantes da Grande Lisboa*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 1994.

maior protagonismo. Segundo dados da referida sondagem, cerca de 50% das mulheres entrevistadas, incluindo casadas e idosas, revelaram o hábito de seduzir alguém do sexo oposto. Outrora, uma mulher de família que assumisse o papel de sedutora – uma dona de casa, uma operária têxtil, uma enfermeira ou uma educadora infantil – seria quase sempre vista como sedutora e algo mais.

Esta cultura libidinosa foi acompanhada por uma maior procura relacional e comunicativa, também presente nas redes sociais. Contudo, principalmente entre as mulheres, o desejo aparece associado ao medo de rejeição. O correio sentimental de algumas revistas cor-de-rosa – que algumas mulheres compram e muitos homens fingem não ler – sugere uma flagrante tensão entre o desejo de experimentação de fantasias ocultas e as ameaças de rejeição da sua concretização. Uma senhora da cidade do Porto queixava-se na revista *Maria*:

Tenho 38 anos e uma fantasia secreta: ser possuída em cima do lavatório da casa de banho. Já insinuei ao meu marido que gostaria de fazê-lo, mas ele disse-me que tal era impossível, porque sou demasiado gorda e o móvel era novo<sup>19</sup>.

Com os teóricos da modernização reflexiva<sup>20</sup> aprendemos que viver numa sociedade de risco significa viver em permanente atitude de cálculo em relação às consequências de ação. Vale mais um móvel novo ou um prazer fugaz? Nessas populares revistas também surgem confissões enquadráveis no modelo de modernização reflexiva que joga com a experimentação bem sucedida, mas normalmente vivida a sós, e não isenta de temores. Aliás, uma das razões pela qual a reflexividade do eu produz um conhecimento mais preciso e penetrante do eu mesmo é porque ajuda a diminuir a dependência em relação aos demais, no domínio do erotismo. Na revista *Mulher Moderna*, uma senhora questionava-se, apreensiva:

Vi um anúncio a um telemóvel (celular) numa cadeia de televisão estrangeira que me fez despertar para um facto curioso. É que embora tenha uma vida sexual satisfatória, sempre me masturbei recorrendo ao uso de vibradores. Acontece que esse *spot* publicitário era sobre um telemóvel (celular) que vibra. Poderei usar o meu para esses fins, sem prejudicar a saúde?<sup>21</sup>

Já sabíamos que os celulares são multifuncionais. Dão para falar, enviar mensagens, jogar, fotografar, filmar, servem de agenda, de despertador, etc. Mas a capacidade

<sup>19</sup> MARIA. Lisboa: Impala, 25 abril a 1 de maio de 2001.

<sup>20</sup> PAIS, José Machado. *Lufa-lufa quotidiana*: ensaios sobre cidade, cultura e vida urbana. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2010.

<sup>21</sup> MULHER MODERNA [revista]. Lisboa: J.C.R., 12 a 18 de julho de 2001.

de os reconverter para funções sexuais mostra bem até onde pode chegar a modernidade reflexiva quando apoiada em experiências mediadas por novas e móveis tecnologias. A experiência global da modernidade faz com que as características íntimas da vida pessoal se abram às experiências do cotidiano – que já não se encontram apenas dependentes da tradição ou da vontade individual, mas de interferências tecnológicas várias. Em alguns bordéis do norte de Portugal dei-me conta de que alguns idosos com problemas de ereção recorrem frequentemente a estimulantes sexuais, vibradores e consolos (pénis de borracha afivelados por um cinto que se coloca à cintura). Numa sociedade ainda nordeada por valores machistas, os homens veem-se obrigados a ter uma sexualidade disponível de forma permanente, indiscriminada, compulsiva. As inovações médicas e tecnológicas, atentas às oportunidades do mercado, podem dar uma ajuda<sup>22</sup>.

### Valores e gerações

Tentaremos agora explorar possíveis convergências e divergências que possam aproximar ou afastar, em termos de valores, diferentes gerações. Um dos traços mais marcantes é a maior propensão dos jovens ao descomprometimento. Antigamente os namorados eram quase sempre olhados como potenciais cônjuges. Tomada como reduto das relações de afetividade e intimidade, cabia à família vigiar a reputação das moças, sobre as quais recaía o pesado fardo de salvaguarda da honra da família. Os pais exerciam um apertado controlo sobre os namoricos que, por decorrência, aconteciam às escondidas, quanto muito à janela, ela na dita, ele de plantão, pescoço vergado para a janela dela.

Letícia: Antigamente namoravam à janela...

Artur: Às escondidas! [...]

Leonel: Andavam com os irmãos atrás e os pais [...].

Sílvio: Pois, namorar era quase um casamento!

Letícia: Tanto que há pessoas que não têm muita idade, p'ra aí 50 anos, que o único homem que tiveram na vida é o marido. Não tiveram assim mais ninguém...

José: Enquanto que agora uma mocinha já com... vá... 16 anos...

Artur: Tem uns quatro maridos!!! [risos] (Entrevista a grupo de jovens)<sup>23</sup>.

É certo que em todas as gerações, os encontros de amor vão passando por sucessivas etapas, os chamados estágios de amor (*ordo* ou *gradus amoris*): olhar, conversar,

<sup>22</sup> PAIS, José Machado. *Enredos sexuais, tradição e mudança*: as mães, os zecas e as sedutoras de além-mar. Lisboa: ICS: Imprensa de Ciências Sociais, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/23682>  
Acesso em: 24 de setembro de 2019.

<sup>23</sup> Id. *Sexualidade e afectos juvenis*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2012. p. 34-35.

tocar, beijar e “aquilo” (*factum*).<sup>24</sup> No entanto, entre os jovens de hoje, as etapas são galgadas a passo de corrida. Outrora, para se chegar ao *factum*, muitas etapas haviam que ultrapassar. Os rapazes, de um modo geral, só tinham acesso à casa dos pais das namoradas quando a relação já se encontrava relativamente consolidada. Hoje é frequente levarem-se para casa amigos e namorados para conviver, dormir e tudo o mais que se possa imaginar.

Xana: O meu marido só entrou em casa dos meus pais nas vésperas do casamento!  
[...]

Anastácia: [...]. Alguma vez eu, antigamente, levava um rapaz lá para minha casa?  
(Entrevista a um grupo de mães)<sup>25</sup>.

Por outro lado, as jovens são consideradas mais atiradiças. Se é verdade, como defende Octávio Paz (*La Llama Doble. Amor y Erotismo*), que não há verdadeiro amor sem a liberdade da mulher, é bem possível que a maior capacidade revelada pelas moças para atrair, mas também a sua maior liberdade para conquistar ou rejeitar, seja reflexo do abatimento dos diques do que outrora era considerado transgressão e hoje em dia pode ser (ou não) uma propensão para amar ou experimentar. Num recente Inquérito à sexualidade dos portugueses verifica-se que, na geração de 18-24 anos, apenas 2.8% dos homens e 4.7% das mulheres referiram experiências sexuais tardias (acima dos 17 anos), enquanto que na geração de 55-65 anos as percentagens equivalentes são de 20% e 50%<sup>26</sup>. Aqueles idos tempos em que a iniciação sexual das moças se concretizava na noite de núpcias enquanto que a dos rapazes se realizava num prostíbulo são isso mesmo: tempos idos. Nas gerações mais velhas (a dos avós, nascidos na primeira metade do século passado), aí sim, dava-se uma espécie da sacralização da virgindade, tomada como um capital simbólico de reputação, recato e castidade. Nas gerações seguintes assiste-se à reivindicação do prazer sexual, de experiências pessoais que dão lugar à construção de subjetividades reflexivas. O uso da pílula contribuiu, decisivamente, para uma libertação sexual. Depois da revolução de 1974, as relações pré-conjugais alastraram, bem como os nascimentos fora do casamento e a gravidez na adolescência.

Entre jovens nascidos após a Revolução dos Cravos, a discussão gerada a propósito de um provérbio popular – *Do homem a praça, das mulher a casa* – foi um teste à persistência da dicotomia masculinidade/ feminilidade, opondo a mulher passiva e submissa

<sup>24</sup> WAIZBORT, Leopoldo. O beijo dos amantes. In: BUENO, Maria Lucia; CAMARGO, Luiz Octávio de Lima (org.). *Cultura e consumo: estilos de vida na contemporaneidade*. São Paulo: Editora Senac, 2008. p. 255.

<sup>25</sup> PAIS, José Machado. *Sexualidade e afectos juvenis*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2012. p. 43.

<sup>26</sup> FERREIRA, Pedro Moura. Contextos de iniciação sexual – idade, relacionamentos e geração. In: FERREIRA, Pedro Moura; CABRAL, Manuel Villaverde (org.). *Sexualidades em Portugal: comportamentos e riscos*. Lisboa: Editorial Bizâncio, 2010. p. 256-257.

(relegada para a esfera doméstica) ao homem ativo e experiente (dominador do espaço público). As jovens deram claramente mostras de ruptura com esse modelo de relacionamento, ao reivindicarem uma democratização das relações conjugais, baseada em relações igualitárias e de companheirismo. Porém, os rapazes, até pela forma chistosa como abordam o provérbio (“concordo mas é o homem no café e a mulher na cozinha”; “o homem a ver a bola e a mulher a lavar a louça”), deram também claros sinais de que o modelo ainda não passou à história. As clivagens de género, neste caso, sobrepõem-se às de geração<sup>27</sup>.

### Notas conclusivas

A sedução pode enquadrar-se, ao longo do tempo, no paradigma dos jogos de estratégia. Estes, contudo, foram perdendo rigidez por efeito de mudanças sociais que abalaram os constrangimentos mais pesados que outrora formatavam a aproximação entre os sexos. É certo que fazer a corte, arrastar a asa ou seduzir... são práticas que continuam a reivindicar uma comédia da aparência. Porém, na esteira das teses de Sennett,<sup>28</sup> também se constatou que onde predomina uma vida social e pública mais intensa e ritualizada é onde mais frequentemente existem afinidades entre os domínios do teatro e da rua, como acontecia nos rituais de galanteria dos meios burgueses do século XIX. Daí que a sedução fosse mais artística e laboriosa no período do romantismo. As coquetes eram verdadeiras artistas nas perícias de sedução, desde logo na forma como manejam o leque como instrumento de comunicação: fechando-o ou abrindo-o; batendo com ele na mão direita ou na esquerda; abanando-o fortemente ou de leve; olhando-o de ambos os lados, com os olhos abertos, fechados ou semicerrados; abrindo-o e fechando-o repetidamente, etc. Todas essas manipulações do leque traduziam códigos de comunicação amorosa. O mesmo se passava em relação ao missal, ao lenço, aos brincos, às travessas de cabelo, à malinha de mão ou à sombrinha. Os homens, por seu lado, faziam falar a bengala, os relógios de corrente, o charuto, a luneta... Hoje já não se usam recursos tão artísticos. Os bilhetinhos amorosos que outrora se escreviam mereciam um cuidado extremo. Os amantes faziam cursos de caligrafia para se esmerarem na forma artística da mesma. Usavam canetas de aparos especiais que permitiam desenhar letras à francesa ou à inglesa. Faziam-se rascunhos para apurar o estilo da letra. Perfumava-se o bilhetinho na expectativa de que o amado ou a amada fosse identificado

---

<sup>27</sup> PAIS, José Machado. *Sexualidade e afectos Juvenis*, Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2012. p. 75- 94 (capítulo: Provérbios: a sabedoria popular em causa). Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/6170> Acesso em: 24 de setembro de 2019.

<sup>28</sup> SENNETT, Richard. *El declive del hombre público*. Barcelona: Ediciones Península, 1978.

no aroma. Hoje, na sedução mediada pelas tecnologias de comunicação, a forma artística tende a ser desvalorizada nas mensagens enviadas. A quantidade sobrepõe-se à qualidade.

Com a aproximação do século XX, os códigos de interações protocolares cederam em relação aos de revelação mútua, baseados na subjetividade. Esta tendência acentuou-se a partir da década de 60 do século passado quando se tornaram mais reais as oportunidades de mobilidade social. No entanto, como vimos, pelo meio houve um longo interregno assombrado pelos tempos da ditadura. Neles, a mulher aparecia valorizada pela docilidade, castidade e subjugação em relação ao marido. O poder do patriarcado reproduzia-se de forma contínua nos relacionamentos da vida cotidiana: na ocupação diferenciada dos espaços públicos e privados da vida quotidiana; na liberdade de os homens saírem para estar com os amigos nos cafés ou irem às putas; nas próprias caminhadas do casal, o homem seguindo sempre à frente da mulher.

Porém, com o florescimento simbólico dos cravos, em de abril de 1974, floresceram também novos quadros mentais e imaginários sociais. Portugal começou a ser percebido em função da sua inscrição numa temporalidade histórica em mudança, como se vivesse numa encruzilhada de múltiplos tempos sociais, uns enraizados no passado, outros projetados no futuro.<sup>29</sup> No caudal de novas correntes socioculturais, surgiram novos desejos e modos de viver a sexualidade. As telenovelas brasileiras deram também um importante contributo para o alargamento dos horizontes de realização erótica, sensibilizando olhares, mobilizando desejos. Uma nova importância passou a ser outorgada à aparência, à necessidade de reconhecimento social. O prestígio passou a conquistar-se através de um estilo próprio. No cenário destes novos atributos, os jovens surgiram como mentores de uma mudança geracional e social. Para muitos jovens, a identidade começa a ser investida no modo como é vestida – isto é, em códigos corporais e adornos distintivos. A sedução passa por posturas corporais expressivas: um modo de andar, um estilo próprio de portar a mochila, uma maneira de sorrir, um penteado caprichado, um modo de olhar, enfim, atos repetidos incitando o valor simbólico das "técnicas do corpo".<sup>30</sup>

Comparando os galanteios do século XIX com os que atualmente ocorrem, sobressai uma desritualização da sedução, tal como ocorria tradicionalmente: padronizada, aprisionada a etiquetas e protocolos. No período do romantismo o que prevalecia na sedução era o ritual. Proliferavam os manuais de civilidade que instruía sobre toda uma série de

---

<sup>29</sup> Sobre a concepção da multiplicidade dos tempos ver GURVITCH, Georges. *La Multiplicité des temps sociaux*. Paris: PUF, 1961. 2 v.

<sup>30</sup> MAUSS, Marcel. Técnicas y movimientos corporales. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia y Antropologia*. Madrid: Tecnos, 1992, p. 336-356.

comportamentos que deveriam seguir-se à risca: como andar, saudar, escrever um bilhete de amor, manipular o leque, a bengala, o chapéu, etc. Os manuais de civilidade deram origem, sucessivamente, às fotonovelas, radionovelas, telenovelas, sem esquecer as brochuras que catalogam variadíssimas posições do ato a que eufemisticamente se chama fazer amor. O importante para o moderno sedutor é ter o talento de ser original. É preciso ser surpreendente, divertido, diferente. Esse é o segredo da sedução nos tempos que correm. Não há uma fórmula única. A sedução fundamenta-se nas qualidades contrastantes dos amantes. O contraste baseia-se na diferença e esta, por sua vez, remete para a originalidade. Por outro lado, a mulher assume um crescente protagonismo nas conquistas amorosas. As publicações dirigidas a mulheres proliferam por livrarias e hipermercados, anunciando táticas de sedução e formas de despertar o interesse dos homens. Não quer isto dizer que outrora as mulheres não fossem sedutoras. Muito pelo contrário. Especialmente quando fingiam não o ser. Mas agora as mulheres assumem-se claramente como sedutoras. A sedução deixou de ser coisa de homens. Aliás, nunca terá sido. Ou melhor, vai havendo uma maior permissividade à existência declarada de sedutoras. Nos tempos do regime autoritário, a moral vigente não perdoaria tamanhas ousadias.

Também se constatou que os relacionamentos amorosos são mais fugazes, experimentais e permeáveis, enquanto que os sentimentos são mais difusos, confusos e profusos. Ainda há tempos vi numa estante de livraria, lado a lado, um livro intitulado *Como Enlouquecer os Homens* (de Jamie Callan) e um outro, de sentido contrário: *Como Despachar um Homem* (de Kate Fillion e Ellenj Ladowsky). Outrora os namoros eram seletivos e duradouros. Hoje tendem a ser passageiros, superficiais e descartáveis. Entre os jovens, os namoros prolongados são raros. Hoje não se namora. Anda-se com, curte-se, fica-se. A satisfação sexual já não é um insulto à natureza, como antigamente se defendia. O natural é fazer amor. Há uma menor conformidade aos estereótipos sociais e também uma maior diversidade de percursos afetivos e orientações sexuais. Como quer que seja, a sedução continua a desprender imaginários, e não só nas relações virtuais mediadas por computador. O real é sobrelevado pela imagem que se constrói de um outro, em grande parte, redutível à idealização que fomenta o bricabraque do desejo. O outro agita-se e rodopia na imagem que a imaginação lhe destina. Quer isto dizer que estaremos a viver uma era neorromântica? As evidências empíricas não nos permitem ir tão longe. Na linha das propostas de Giddens,<sup>31</sup> se considerarmos que o amor romântico é precursor das "relações puras" – entendidas como

---

<sup>31</sup> GIDDENS, Anthony. *Transformações da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. Oeiras: Celta, 2005.

relações de igualdade emocional e de compromisso entre os casais—, o que poderá estar acontecendo, mas não de forma generalizada, são transformações na intimidade afetiva marcadas por uma relativa e aparente equidade de gênero, especialmente nas gerações mais jovens e urbanas, embora continuem a persistir inegáveis desigualdades sociais nos processos de construção social e afirmação subjetiva das feminilidades e masculinidades.